

Pablo Ramos Silveira

Poemas para um dia de chuva



Pedro & João
editores

Poemas para um dia de chuva



Pedro & João
editores

Pablo Ramos Silveira

Poemas para um dia de chuva



Pedro & João
editores

Copyright © Pablo Ramos Silveira

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Pablo Ramos Silveira

Poemas para um dia de chuva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 96p. 12 x 18 cm.

ISBN 978-65-5869-379-6 [Impresso]
978-65-5869-381-9 [Digital]

1. Poesias cotidianas. 2. Dia de chuva. 3. Arte poética. 4. Reflexões.
5. Literatura brasileira. I. Título.

CDD – 800

Capa: Petricor Design

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

Prefácio

Yo no miro al mundo con mis propios ojos y desde mi interior, sino que yo me miro a mí mismo con los ojos del mundo; estoy poseído por el otro. [...] Yo carezco de un punto de vista extrínseco sobre mí mismo, no tengo enfoque para con mi propia imagen intrínseca. Desde mis ojos están mirando los ojos ajenos.

(Mikhail Bakhtin. [El hombre ante el espejo])

Falar de poesia envolve uma certa aura de mistério. Como escrever poemas? Quem é esse poeta que escreve? E eis que me foi confiada a leitura deste livro intitulado *Poemas para um dia de Chuva* do autor Pablo Ramos Silveira. Pablo rima com poeta, com poesia e já é nome de escritor. Então, poderia buscar teorias literárias de autores famosos, conhecidos e, sobretudo, alguns desconhecidos e discuti-las hermeticamente para os leitores explicando a criação poética.

Mas faço o contrário, busco em outros poetas o diálogo. Mário Quintana, escritor brasileiro, comentou certa vez:

“E agora pedem-me que fale sobre mim mesmo. Bem! Eu sempre achei que toda confissão não transfigurada pela arte é indecente. Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão.”

Cara(o)s leitora(e)s, para quem aprecia a beleza das palavras poeticamente escritas, pode tomar este livro para conhecer Pablo. Suas poesias são cotidianas. Elas nos trazem o sabor acre, doce, triste, alegre, enfim, todas as antíteses que vivemos, sentimos e sonhamos das horas, das semanas, dos dias, das pessoas urbanas escondidas em seus cantos ou transitando pela cidade. E, para isso, o poeta nos oferece seus versos poéticos, suas prosas diárias e narra um pouco de sua história. Mas para os plantonistas do gênero pode não ser possível classificação! Aviso!

Tomando as palavras de Varvara (personagem da leitura que estou realizando de *Gente pobre* de Dostoiévski): para dizer a verdade, ainda agora adivinhei pelo seu livro que há algo de errado com o senhor - paraíso, primavera, aromas que voam,

passarinhos que chilreiam. O que é isso, penso eu, não haverá aqui versos também?

Para quem ler este livro poderá dizer, por exemplo: lembra Drummond, Bandeira... Sim, pode ser estes poetas ou outros em diálogo com Pablo ao longo de sua trajetória como leitor! Depende de cada olhar, de cada enunciado novo construído com a leitura deste livro. Enquanto leitor criei meu diálogo:

Saudações de um outono

A chuva surgiu na madrugada
e seguiu...

fina.

fria.

leve como o vento

saudando o outono

anunciando o frio.

olhava pela janela:

ao norte ainda verde

o cinza do dia vazio.
reli Poemas para um dia de chuva
enquanto a cada segundo.
minuto.
hora.
a vida desaparece.
ficou o sabor dos teus versos
sendo rasgado na boca.

E se tu me perguntas se gosto de poesia, te respondo, mineiramente, com Drummond: “Se eu gosto de poesia? Gosto de gente, bichos, plantas, lugares, chocolate, vinho, papos amenos, amizade, amor. Acho que a poesia está contida nisso tudo”.

Moacir Lopes de Camargos
Guelph, Canadá
outubro de 2016

Breve prefácio para antes da chuva

Se nada tiveres para fazer, prezado leitor, sugiro-te a leitura destes poemas. Espero que eles te sirvam de reflexão para alguma coisa. Caso contrário, o melhor que tens a fazer é emprestar este pequeno livro ao teu inimigo mais próximo, porque só os inimigos são fiéis. Aliás, nada é tão especial quanto um dia de chuva. Por isso, os dias mais alegres são aqueles que possuem uma aparência triste. Nesse caso, o que nos resta é tomar uma boa dose de uísque, antes que a chuva lá fora decline.

1

Não sou aquilo que penso
e muito menos o que vivo.
Sou talvez aquele outro
que diante de mim existe.

Talvez eu seja outra pessoa
que desconhece seu rosto,
ao passar por um labirinto
crivado de vários espelhos.

Talvez eu não seja
ninguém além de mim mesmo,
usando suas próprias máscaras,
moldadas a partir de outras faces.

Talvez seja isto
o que melhor me defina:
um homem apenas
com duas mãos, dois pés
e um coração vencido.

2

Sou estranho.

Minha excentricidade beira ao extremo.

Do manicômio fui expulso,
pois representava um risco.

Na rua,
quando passo,
todos me olham com espanto.

As crianças se riem de mim,
como se levasse um tomate pendurado
na proa do rosto.

Sinto-me um palhaço vestido
com roupas de gente normal.
Pelo menos alegre os lábios das pessoas,
ainda que os meus apresentem o aço dos dias.

Não sorrio faz tempo.
Jamais dei uma única gargalhada
com a mesma graça de uma criança.

Não sou infeliz,
apenas me falta a alegria
das coisas banais.
Seu eu fosse igualmente
banal a todas as coisas,
seria feliz por inteiro;
não apenas por frações.

Mas a loucura me impede disso.
Vejo a vida sem trivialidades.
Falta-me a razão dos néscios
para celebrar o sentido das coisas.

3

É engraçado:

os namorados se beijam,

se abraçam,

se afagam,

mas não se amam.

O namorado de Paula tacou-lhe uma bala no meio do peito.

Era tão jovem, pobre coitada!

Dizem que ele foi traído pelo mais fiel dos amigos.

Na verdade, os dois foram vítimas de um amor frustrado.

Na ciranda da vida,

o amor e a morte andam de mãos dadas.

4

Tudo é inútil nesta vida.

Toda vaidade é dispensável.

Os amores, as conversas, as alegrias, as tristezas

(e mais uma infinidade de banalidades)

não servem para nada.

Sinto o aroma da primavera em meio à cidade grande.

As folhas reverdecem a cada minuto que passa.

Meus olhos se enchem da verde esperança da tarde.

A vida refloresce junto à natureza humana abandonada.

Somente a vida vale a pena.

A natureza é o bálsamo da vida.

Renascemos a cada chuva

e morreremos um pouco de sede a cada dia.

Nesta vida,

só viver interessa.

Tudo mais é igual ao vento:

passa levando consigo

as raízes e o tempo.

5

Minha poética é a simplicidade.

Não tenho a pretensão dos grandes.

Prefiro ser o poeta de minha rua,

ao invés de não ser poeta algum.

Sou um homem simples.

Escrevo torto por linhas retas.

Às vezes falta-me a clareza das imagens

e pouco consigo limar as arestas.

Escrevo o que sinto,

e dispenso os comentários.

Meu coração é um turbilhão de imagens,

e não consigo exprimi-las com perfeição.

Sou um poeta imperfeito.

Talvez não seja poeta,

tampouco seja nada.

Apenas um teimoso.

Minha poesia é simples.

Isso fica muito claro.

Sou o poeta de minha rua:

pequeno, mas ainda raro.

6

Aquela senhora que atravessa
a rua tão lentamente,
um dia já foi jovem de vinte e poucos anos.

Seu rosto foi sulcado pelo tempo.

Suas mãos, já sem destreza,
apanham um lenço da bolsa
para enxugar o velho nariz.

Sua voz, tão fraca e tímida,
soa como uma campainha morna
sob o calor tardio do outono.

Seus passos já não acompanham
o ritmo tresloucado do coração.

Também ficarei assim?

Tão ultrapassado pelo tempo,
mas ainda com sonhos no peito?

De que me valem os sonhos,
se meu corpo já caminha em outra direção?

Essa é a dura realidade da vida
com sua mais triste interrogação.

7

Dizem que minha vida deve ser um tédio,
porque jamais cometi um único deslize.

Até pode ser.

Talvez tenham a mais pura razão.

De que me adianta viver
sem os deslizes da vida?

Todos me aconselham conseguir uma amante.

Chegar da rua depois das onze da noite,
dizendo que o carro enguiçou
na avenida mais movimentada da cidade.

Ou então, dizer que o chefe me escalou
para o trabalho mais maçante da empresa,
como recalculando o último Imposto de Renda.

Se minha esposa acreditará nisso, não sei.
Mas o que realmente importa é o deslize.

Admito: sou incapaz.

Invejo os pequenos criminosos
como os maridos adúlteros
que se regozijam de suas façanhas amorosas.

Certamente, esses são meus heróis.

Admiro a coragem dos farsantes.

O caradurismo não é o meu forte.

Por isso detesto a política.

Na verdade, detesto os políticos
com suas verdades que pendem

para o lado mais puro da mentira.

Mas eles estão todos certos.

A honestidade é cansativa.

Bom é viver na penumbra

entre o decoro e a vileza.

8

O tempo corre para o rio
como a pedra rumo ao abismo.

Em águas turvas,
o tempo banha-se com sobriedade.

Nada pode incomodá-lo:
o tempo é um soberano sem trono.

Tudo passa na vida,
tudo é uma grande miragem.

Só o tempo permanece incólume
ao passar pelas estreitas curvas do rio.

9

O que sou? Nada,
absolutamente nada.

Um zero após a última
casa decimal à esquerda.

Um de tantos zeros,
de tantas somas inexpressivas
que se fazem durante a vida.

O que vale minha presença?

Nada, absolutamente nada.

De mim sequer lembrarão um dia,
logo após minha descida aos intestinos da terra.
Lá estarão todos eles à minha espera: os vermes
com suas famintas ventosas de bronze.

Em pouco tempo, terei o corpo
desvestido de minhas carnes
como os galhos das árvores no coração do
inverno.

Por isso tenho a mais absoluta
consciência de minha importância.

O valor de um zero à esquerda é sempre nada.

Sou este zero,

o zero mais à esquerda da vida:

o absoluto nada.

10

Espero o sol que não nasce,
espero a lua que não vem,
espero o vento que não vira,
espero a vida que não tenho.

Mesmo assim

espero que o mundo não acabe,
espero que o sonho não esmoreça,
espero que o tempo não me mate,
espero que a morte então recue.

Espero porque o tempo é sempre de espera.

Tudo acontece na hora certa,
mesmo a chuva que cai sobre o deserto.

Nada acontece fora da rota,
nada pula a roda do tempo.
A espera é o tempo em resistência,
na luta contra o próprio tempo.

11

Há muito tempo não vejo o sol.

As cortinas das janelas do meu apartamento
permanecem totalmente fechadas.

O silêncio se enraíza na escuridão.

Para mim o horizonte é uma promessa.

Meus olhos vivem a eterna noite
que percorre as paredes do meu quarto.

Todas as lâmpadas foram desligadas.

Sufoca-me a solidão do relógio
com seus ponteiros de agudo gelo.

As horas são intermináveis séculos
que desembocam no rio da eternidade.

Vivo às escuras. Já não reconheço a geografia
nem do sol nem da lua, tampouco a luz
artificial que desce das luminárias, à noite,
para cingir o plúmbeo corpo da cidade.

Há muito tempo não vejo o sol.
Meus olhos, imersos em sombras,
só enxergam o vazio dos escombros,
refletido no espelho da escuridão.

12

O rosto do céu está fechado.

As sobrelanceiras das nuvens

não foram aparadas pela navalha do sol.

Os pássaros não saíram dos galhos das árvores.

A manhã parece não ter despertado da noite.

Bebo o café com uma angústia inabitual.

Minha boca arde ao primeiro gole do líquido

que escorre com lentidão pela garganta.

O café está mais amargo que a morte.

Hoje não vou ao trabalho.

A vida está mais célere.

Pouco me importa os colegas,

o chefe e alguns subordinados.

Preciso descansar.

Sinto que minha vida entra
na antecâmara da morte.

Hoje não quero ler os jornais,
tampouco assistir televisão.

Aliás, já não me comovem mais
os homicídios dos noticiários.

A rotina endurece a alma.

Meu coração pulsa como pedra.

Hoje preciso descansar meus olhos.

Não lerei poemas, contos nem romances.

Reclinado numa frágil cadeira,
abandono meus olhos ao nada
de uma parede pintada de branco.

13

Não olho para o passado.

Dispensando o retrovisor da vida.

O passado cheira a mofo

como as paredes úmidas de uma casa fria.

Atravesso o presente

como um soldado em marcha.

Meus olhos acompanham os passos

que dou rumo ao claro horizonte.

Quem vive à sombra do passado,

não vive a sua própria sombra.

O passado pertence aos outros,

imagem disforme daquilo que fomos.

E o que seremos pouco importa.

O futuro é uma grande incógnita

em que o resultado é uma numérica vertigem.

Minha vida é o presente.

Ao passado digo adeus,

como quem diz a uma visita incômoda

uma palavra de despedida.

14

Um homem desmaia no asfalto.

As pessoas se aglutinam ao redor do desfalecido.

Uma mulher clama por Jesus e a outra chora.

Ninguém entende o fato ocorrido.

Ao longe um barulho de sirene.

A frenagem da ambulância é um escândalo.

Enfermeiros, paramédicos descem com violência,
cortando a multidão em curiosa festividade.

Infelizmente nada mais a fazer:

a morte foi a primeira a chegar.

15

O enterro do mendicante da esquina
em nada difere do homem mais rico da cidade.

A morte apaga os círculos da nobreza
com a mesma facilidade que o vento
varre as folhas espalhadas pelo asfalto.

A diferença entre ambos está,
quem sabe, no valor do ataúde
e das flores enviadas pelos familiares.

Alguma homenagem mais acalorada terá o rico,
já que o mendicante beijava os talões da pobreza.

Mas a morte é fria como o corpo da noite.
Seu coração ancora no porto da indiferença,
onde o silêncio acresce a solidão dos mortos.

Rico ou pobre,
a morte não escolhe senhores.

16

Na cama

sinto meu coração em disparada

há uma vida a bater dentro do peito

célere como o vento entre os
campanários

onde os sinos dobram sob os olhos do tempo

Meu coração

se apagará na penumbra

de uma nova alvorada

quando os pássaros trouxerem

os primeiros ramos da manhã

que se espriarão pelos ares

Enquanto adormeço

pulsa meu coração

na contracorrente deste vento

que empurra para dentro do peito

um golpe de tempestade

17

Leio um poema que nada me diz.

Então leio outro poema que também diz nada.

O que teria um poema a dizer?

Simplesmente nada.

Os poemas são feitos de ar e palavras.

Qualquer vento os leva para bem longe.

Ninguém decifra a esfinge de um poema.

18

Afasto-me das multidões.

Preciso pensar.

As ruas roubam-me a qualidade dos conceitos.

O barulho ensurdecador dos carros

viceja minha necessidade de isolamento.

Não suporto as batidas dos saltos nas calçadas.

Isso atenta contra minha consciência.

Nada mais irritante que o som dos vendedores

à beira das lojas, vendendo seus malogrados
produtos.

Detesto o cheiro pobre das ruas.

Detesto os dejetos humanos

acumulados nas arestas das calçadas.

Detesto a triste loucura da cidade.

Vou para o meu quarto.

Encontro a cama estendida

e os livros todos empilhados sobre a mesa.

Agora posso pensar.

Estou a sós.

O silêncio conduz meu pensamento.

Escrevo muito pouco

para tudo o que penso.

Diante disso,

uma coisa é certa:

o silêncio é mais lírico que o vento.

19

A mulher que me sorri é cínica.

Na realidade, todos são cínicos.

O cinismo é uma arte.

Nele reside o brilho da humanidade.

A mulher que tanto sorri

me causa um espanto de morte.

Não a conheço. Seus olhos

revelam uma mentira secreta.

O que poderia ser? Não sei.

Nunca se conhece por inteiro

as reais intenções de uma mulher,

e muito menos as de um homem.

A mulher que tanto me sorri
desperta uma íntima simpatia.
O sorriso falseia a verdade
com o sutil esboço da mentira.

Tenho medo da mulher que me sorri.
Não há arma mais perigosa que um sorriso,
porque o coração não lê o que a boca disfarça.

20

Apago a luz das estrelas
quando meus olhos despertam
para dentro
e vejo a escuridão do tempo
imersa no meu coração

Abrigo a escura
natureza de outros tempos
que hoje desaba
sobre meus ombros
como se o céu ruísse
de vez
no alto de um oceano

21

Leio no jornal:

“Homem cai do décimo andar.

Causas ainda desconhecidas.”

O que teria acontecido?

Cansou-se da estrada

ou foi obrigado a saltar

para fora dos círculos da vida?

Não se sabe.

A dúvida paira no ar

como um abutre azul

sobre os últimos restos da carniça.

O que terá encontrado aquele homem?

O vazio extremo da morte

ou apenas o chão frio da calçada

como sua áspera mortalha?

Há muitas perguntas sequer uma resposta.

Porém a morte esclarece todas as dúvidas:

sua resposta é um duro não à eternidade.

22

Este poema talvez

nunca seja lido.

Quem o escreve

talvez nem poeta seja.

O verso nasce da dúvida

entre a treva e a luz.

Quem escreve o poema

se enreda entre raízes.

Nada tem o poema,

a não ser a vida

que pulsa em imagens

dentro do peito das palavras.

Este poema talvez
não seja nada.
Quem o escreve ainda
saiba da vida muito pouco.

23

Ana amava Pedro,
amava Paulo,
amava João,
amava Carlos,
amava todos,
menos André.

Belo dia,

André reclamou à Ana o seu amor.

Não teve tempo:

Ana recebeu nas costas

um talho de prata certo.

Naquele momento,
André esculpia de sangue
sua Vênus idolatrada.

24

Se eu não tivesse nascido,
o que estaria fazendo agora:
passeando pelo vazio do tempo
ou perdido numa dimensão distante?

No entanto, nasci.

Aqui estou, e: pronto!

Vai, vive!

Porque a vida é o triste resumo
da beleza que o universo te deu.

25

O peso da queda,
antes mesmo de cair,
deixa-me apreensivo pelo impacto
de chegar ao solo.

O medo antecipa a derrota,
o que recrudesce a perda.
Nada pode aplacar o medo
daquele que está perto do chão.

A derrota me envergonha,
não a derrota em si,
mas o escárnio dos inimigos
que festejarão minha queda.

Ser derrotado é preciso.

Quem não sabe cair,

jamais saberá reerguer

os próprios olhos diante de si.

26

Em São Paulo,
os olhos se entristecem
com o cinza pálido
daquelas esquinas.

Como dói olhar São Paulo
desde os terraços dos arranha-céus!
Metrópole de uma só cor,
com seus variáveis timbres.

São Paulo é uma tristeza
sóbria de uma tarde chuvosa,
que esqueceu de enxugar a chuva
do olhar triste dos paulistanos.

27

Não gosto de rosas:
elas cheiram a sepulcro.

De jardins escuros
emergem rosas claras.
Rosas vermelhas precedem
trágicos amores.

A rosa é uma solidão
dividida entre espinhos.
Solitária, a rosa perscruta o tempo.

Compará-la à vida
é um belo engano,

assim como a rosa
que te ofereci
foi um erro fatídico.

28

Escrevo-te este poema
com a mesma intensidade do brilho
que dilata uma estrela.

Ardem as letras
como as primeiras luzes
da alvorada.

Estas palavras escondem
uma falsa alegria
que comove os lábios.

Mesmo assim,
este poema é grande de sua ternura,
mas pequeno de sua grandeza.

Nada me interessa agora,
a não ser este poema
que te ofereço

ao escrever
todos estes versos
que se apagarão com o tempo.

29

Respiro o ar
que tu expiras
nesse dia cinzento
de junho de 2015.

De nós
restam apenas
as folhas secas
que adormecem
na relva molhada
pelo sereno da noite.

De agora em diante
somos sementes

de uma terra silvestre
onde o fogo fermenta
os frutos fragmentados
pelo vento sul.

Ainda somos
uma breve história
que é revelada
nos jardins de inverno
onde se guardam as flores
da última primavera.

30

É noite.

Faz muito frio em Porto Alegre.

Adotei essa cidade,

como se escolhe um poema

para ler num dia de chuva.

Ruas e avenidas estão caladas.

Ladra um cão nos últimos

quintais da cidade.

Meus olhos abertos

assistem a um programa

fútil de televisão.

A insônia me pregou uma peça.

Na minha cidade natal,

dormia feito um menino do mato.

A insônia é coisa
de cidade grande.

31

Meu avô montava a cavalo,
e dele não herdei essa virtude.
Só os defeitos me foram legados,
como o gosto de caminhar
sozinho pelo campo.

A solidão é um cavalo encilhado
que sai a passear campo afora.

Meu avô era um homem duro
como as garras do minuano.

Mas no fundo era um guri
que brincava de domar o vento.

32

No bar,
escrevo um poema
com cheiro de álcool.
A boca espuma
o hálito da cerveja
que refresca minha garganta.

Seja no bar
ou na vida,
estou sempre
meio trôpego
com as palavras,
como um bêbado
a perder de vista
a linha do equilíbrio.

33

Tristemente provinciano eu sou.

Quase todos os meus amigos

conhecem Londres, Paris,

Nova York, Chicago.

Eu só conheço as cercanias

da cidade de meu nascimento.

Nunca ultrapassei as margens

do rio que leva a outras almas.

Por isso sou altivo e melancólico

como os céus de chumbo

que pesam sobre os cerros de Bagé.

No inverno a fumaça das lareiras

encobre de cinza a liberdade dos pássaros.

O vento retalha as almas,
como o frio que entrecorta velhas esquinas.

Não tenho mágoas.

A vida me deu um mundo
diferente dos demais.

“Se queres ser universal,
começa por pintar a tua aldeia.”

Ainda bem que Tolstói me conforta.

34

O vento rosna
contra as janelas da casa.
As folhas das laranjeiras
se acumulam no alpendre.
Um cheiro de miséria seca
invade todos os aposentos.
Olho o calendário.
Estamos em setembro.
A natureza anda devagar.
Setembro ainda não coloriu
com o ar de sua graça.

35

João Carlos de Almeida Prado

era funcionário público.

Sua voz era incomunicável.

Acordava às seis da manhã.

Saía de casa para o trabalho às sete e meia.

Almoçava ao meio dia e quarenta e cinco.

Comia uma fatia azeda de laranja

como sobremesa de todas as tardes.

Tomava um brevíssimo café

às cinco e meia, solitariamente,

porque detestava a pobreza

da companhia de seus pares.

Voltava para casa às oito em ponto.

À sua espera sempre estava Maria Clara,
única e legítima esposa de todas as noites.

Jantava às nove. Depois, o sofá lhe emprestava
um cochilo.

la para a cama às onze e meia, porque deveria
praticar sua atividade de bom marido.

Aliás, não teve filhos.

O que foi sua grande loteria.

Apenas tivera um gato preto chamado Chico.

Sua vida inteira se resumiu a isso.

Infelizmente, ontem, João Carlos partiu.

Minutos antes, a enfermeira havia lhe perguntado:

“Seu João, o senhor foi feliz?”

Nesse momento ele agradeceu

à sorte de sua intermitente comunicação.

36

A noite lustra a lua,
o céu encera as estrelas
e o vento escova as árvores.
Então saio em busca da felicidade.
O que encontro? cães farejando
restos de comida pelas calçadas.
A felicidade é uma miserável decepção.

37

Agosto é o mais cruel dos meses.

Os velhos temem agosto.

A morte reacende seu cheiro
nos campos cobertos de cinza.

O frio de agosto ainda
congela a medula dos corpos.

“Se eu passar de agosto, ganhei mais um ano.”

Dizia-me uma negra velha
que trabalhava numa fazenda do interior.

Agosto carrega entre os dentes uma faca.

Ao cortar a carne, fere também a alma.

38

Descascar uma laranja
é a forma mais filosófica
de retirar a metafísica da vida.

Nada pode ser além do sumo
do que a compreensão da matéria,
o que torna uma simples laranja
a lição do fim de um mistério.

39

Durante longas tardes,
minha avó tricotava nuvens
para fazer chuva.

O barulho macio das águas
nas janelas do quarto
me era um calmante de ervas.

Isso me fazia dormir
como um pássaro entre os galhos.

Me fiz homem.

Perdi a doçura da chuva,
enquanto minha avó
abandonava as finas agulhas do seu tricô
pelos desvãos da casa.

O tempo secou a chuva empoçada
nos postigos abertos da alma.

40

Chove,

substancialmente chove.

A chuva que mergulha

nas calhas das casas

é o marulho do mar de cima

que ressoa por toda a cidade.

Dentro da memória

trovejam lembranças

pelas noites insones,

enquanto lá fora nas ruas

as luminárias dos postes

subitamente se apagam.

O vento desloca a chuva
a bater nas janelas da sala.
As pequenas gotas de água,
que empoçam os vidros,
são as tristezas do tempo.

As águas me vestem de calma,
algo mais ou menos melancólico,
como a chuva que molha aos poucos
o derradeiro verso deste poema.

Chove.
substancialmente chove.
A chuva que mergulha
nas calhas das casas
é o marulho do mar de cima
que ressoa por toda a cidade.

Dentro da memória
trovejam lembranças
pelas noites insones,
enquanto lá fora nas ruas
as luminárias dos postes
subitamente se apagam.

O vento desloca a chuva
a bater nas janelas da sala.
As pequenas gotas de água,
que empoçam os vidros,
são as tristezas do tempo.

As águas me vestem de calmaria,
algo mais ou menos melancólico,
como a chuva que molha aos poucos
o derradeiro verso deste poema.



ISBN 978-65-5869-381-9



9 786558 693819 >